

# “DIÁRIO DA TARDE” DE ILHÉUS – LUGAR DE MEMÓRIA

*Antonio Valter Santos Barreto*

Universidade Estadual de Santa Cruz

*Cláudio do Carmo Gonçalves*

Universidade Estadual de Santa Cruz

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo central investigar o jornal “Diário da Tarde”, de Ilhéus como lugar de memória desta cidade região do Cacau no sul da Bahia. Para tal, foi feita uma pesquisa que buscou localizar, identificar e caracterizar páginas e suplemento literário no jornal que foi fundado em 10 de Fevereiro de 1928 e funcionou até o ano de 1998. Por meio de uma abordagem qualitativa, foi possível perceber que os espaços destinados aos textos literários eram publicados em colunas como “Conto da Semana”, “Vesperal” e “Cosmorama”. Segundo Pierre Nora (1993) os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não existe memória espontânea, que é preciso criar arquivos, manter os aniversários, organizar as celebrações, pronunciar as honras fúnebres, estabelecer contatos, porque essas operações não são naturais. A importância das publicações literárias no jornal pode ser vista a partir das crônicas, contos, resenhas, notas de divulgação de prêmios recebidos por autores como Gilberto Freyre, pelo livro “Casa Grande & Senzala”. Tais publicações permeiam os anos de 1931, 1933 e 1935.

**Palavras-chave:** Jornal. Lugar de memória. Suplemento. Colunas

Atualmente, a ideia de memória, soma-se ou acrescenta-se à concepção de preservação e conservação. Nada mais pertinente que essa apareça com tanta força e seja o princípio norteador da noção de duração diante da instabilidade de uma época em que o sólido se dilui, esfumaça-se, dissolve-se. O século XX, com sua rapidez e brevidade, foi o exemplo melhor acabado dessas preocupações. Nunca se destruiu tanto em nome do progresso, nunca foram construídas tantas coisas para não durar.

Alguns dos fenômenos mais evidentes das sociedades pós-modernas se concentram na ausência, ou perda de memória, e não na construção de uma história linear, seja ela de seu



Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/).

sistema individual ou coletivo. Na contemporaneidade, muito se discute sobre essa temática, pois parece cada vez mais difícil contar uma história, quando ela não está registrada e, portanto, não se tornou memorável. Desde sua fundação em 10 de fevereiro de 1928 o jornal “Diário da Tarde” vem sendo instrumento tanto da história quanto da memória.

A representação da memória é discutida como aquela que carrega em si a vida e é levada por grupos vivos, está aberta à dialética da lembrança e do esquecimento inconsciente de suas deformações sucessivas; já a história é uma versão do que não existe mais: uma representação do passado, um discurso sobre outro discurso, uma versão possível que sempre depende de arquivo. Dessa forma, pode-se pensar o jornal “Diário da Tarde”, como um lugar de memória, construído pela sua própria história.

Pierre Nora (1993) verificou o desaparecimento da memória nacional, e, portanto, segundo ele, era necessário realizar um inventário dos lugares onde ela se encontrava presente, seja pelo desejo dos homens ou através do passar dos tempos. Esses lugares poderiam ser formados por festas, emblemas, monumentos e comemorações, mas também por elogios, dicionários e museus.

Assim como todos os lugares de memória, os jornais, dentro da perspectiva da história, são documentos e, como tal, desafiam leituras e interpretações, mas, diferentemente de todos os objetos da história, os lugares de memória não têm referentes na realidade, eles mesmos são seus próprios referentes.

Partindo do conceito de que os jornais são documentos que contam a história de uma dada sociedade, época ou região e que, eles mesmos, são seus próprios referentes é que definimos o jornal “Diário da Tarde”, como lugar de memória, isto é, como metáfora da construção e representação, pois é a partir da leitura e interpretações de suas páginas que percebemos e conhecemos como eram vistos e divulgados os fatos e acontecimentos na região do cacau na primeira metade do século XX. Uma dessas interpretações pode ser feita a partir da publicação do conto “Um homem comedido” que está na edição de número 842 do dia 05 de janeiro de 1931, na página dois na coluna “Conto da Semana”.

“Um home comedido”

Fernando entrou pelo *escritorio* de seu amigo Mario e disse:

- Ouve lá isso Mario

- Literatura?

- Não pergunte. Ouve.

E leu:

“- Senhor Clemente?”

- A seu dispor.

- Passei, agora, por sua casa e deparei com um quadro triste.

- Em seguida...

- Sabendo onde o Senhor trabalha, tomei a liberdade de vir contar-lhe o ocorrido, caso lhe moleste.

- Absolutamente.

Clemente é um homem bem instalado na vida. *Sceptico*. Inteligente. Dominador integral de seus nervos; portanto, de suas atitudes.

Criado no meio da mais rude miséria, Clemente, em pouco, aprendeu a sofrer com *stoicismo Cristão*. Carregando a carga pesada da desgraça. Venceu. Vencendo em ouro, o homem não soube mais *commover-se*. Alegria e tristeza se confundiam. Recebia-as com o mesmo estado de espírito. Sempre com *indifferentismo*. [...] (DIÁRIO nº 842 de 05/01/1931).<sup>1</sup>

Este conto é definido pelo cronista G. Hercules Martins como um texto literário que pode ser inserido dentro da categoria dos contos modernos. Para Martins, um conto moderno não precisa ter um final anunciado, basta que prenda a atenção do leitor e o deixe no suspense de algo inacabado ou que este seja terminado pelas inferências do próprio leitor.

É na construção da identidade que o jornalismo impresso se consolida diariamente e a memória é construída por meio deste trânsito diário do jornalista. Ainda com relação ao jornal, Halbwichs (2006), não deixa de situá-lo enquanto documento para os historiadores, mas critica o fato de que estes esperam que o grupo desapareça para, posteriormente, buscarem em si mesmos referências ou rastros que subsistiram em textos oficiais, seja nos jornais da época ou na memória escrita do período.

O “Diário da Tarde” é o retrato da memória sobre uma cidade rica e uma região em expansão em muitas áreas, seja cultural, política, religiosa ou literária, e, sendo assim, pode ser considerado um instrumento de pesquisa para que muitos estudantes e pesquisadores possam compreender uma época (no nosso caso o início do século XX) e também fazer uma análise crítica, de como o jornal apresentou à sociedade determinados fatos e acontecimentos em uma dada época. O “Diário”, como um registro de seu próprio tempo, não pode ser ignorado como fonte de pesquisa, pois a maioria de suas publicações, sejam elas econômicas, religiosas, políticas ou literárias é sobre a gente de nossa região, ou seja, sobre nós mesmos, e é lógico que nessa pesquisa esse tempo está voltado aos nossos antepassados. Outro ponto importante que conta a favor do “Diário das Tarde”, como fonte de pesquisa, é que ele foi publicado durante 70 anos, ou seja, o “Diário” funcionou de 1928 a 1998, testemunhando, assim, inúmeras mudanças acontecidas na região, no estado e no país

Assim, é possível dizer que, diariamente, novos corpos alimentam à sua maneira essa memória e essa história, que sempre serão construídas pelo tempo e pela força impressa das palavras.

---

<sup>1</sup> Texto completo na seção Anexos.

Dentre os periódicos que circulavam em Ilhéus no início do século XX o “Diário da Tarde” é um dos poucos jornais da cidade que possuía um registro, praticamente centenário, em suas páginas, da história da cidade, do povo e da região do cacau, porque muitos jornais surgiram e desapareceram, mesmo em Ilhéus que era considerada uma cidade rica e influente no cenário estadual. Nas páginas do “Diário” é possível encontrar a história diária de Ilhéus, seja na parte social, econômica, política, religiosa, literária etc., essa característica do “Diário da Tarde” é mais do que louvável, pois tem importância local, nacional e internacional. O “Diário” é um jornal como poucos na região do cacau seja em espaço de memória ou de registro da história da região e do país. Essa importância pode ser percebida na ênfase que o jornal dá às comemorações do cinquentenário de Ilhéus nas edições de número 978 e 979.

#### COMEMORAÇÃO DOS 50 ANOS DE ILHÉOS

O dia da cidade (*organização* definitiva do programa comemorativo).

As grandes festas com que a cidade celebrará o seu cinquentenário fará uma homenagem da elevação da Vila para cidade que, em 1881 pela lei *sanccionada* pelo Visconde de Paranaguá, se tornou emancipada... (DIÁRIO nº 978 de 26/06/1931).

“As festas do jubileu da cidade (Será comemorado, amanhã o cinquentenário da cidadania da cidade).

O programa *organizado* pela comissão das destas será realizado sob os auspícios da prefeitura municipal, pois Ilhéus além de ser uma cidade de grande importância e beleza foi uma das primeiras cidades, emancipada, da Bahia... (DIÁRIO nº 979 de 27/06/1931).

Além das publicações dos dias 26 e 27, na edição de número 980 do dia 30 de Junho de 1931 o jornal é publicado com seis páginas, as edições normais têm apenas quatro páginas, sendo que as três primeiras são, especialmente, dedicadas às comemorações da festa do dia 28 de Junho. A primeira página é toda dedicada às comemorações do jubileu da cidade com uma foto de *Ilhéos*<sup>2</sup> datada de 1815, e outra, com uma vista da parte central da cidade dos dias atuais. A segunda página dá ênfase ao valor das terras da Capitania de *Ilhéos* nos séculos XVI e XVII. A terceira página é dedicada à repercussão das comemorações e inaugurações que foram feitas na cidade, tais como: “Um número esportivo”, “Inauguração de uma biblioteca”, “A parada *athletica*”, “Uma *passaiata* cívica”, “Inauguração de placas comemorativas”, “A sessão magna”, “O baile e recepção na prefeitura”, entre outras. Nessa página também há fotos do prefeito de Ilhéus, o senhor Eusínio Lavigne, além de outros como Epaminondas Berbert, o orador oficial das comemorações, do Palácio da Prefeitura Municipal de *Ilhéos* e de uma vista panorâmica da cidade datada de 1830.

O jornal, o arquivo e o documento são constituídos como instrumentos de comunicação, além de serem também instrumentos de educação, pois, guardam em si

---

<sup>2</sup> Antigo nome da cidade de Ilhéus.

informações como guias de sepultamentos, contratos de locação, atas de reuniões, comunicados, notas de aniversários, avisos de aula de corte e costura, de Latim e Francês, línguas consideradas de suma importância para vida social das pessoas influentes na sociedade local, além de revelar a cotidianidade da vida das pessoas da região do cacau. No “Diário da Tarde” esses instrumentos de comunicação, de informação e de instrução do povo de Ilhéus e região podem ser comprovados através das publicações de informes, notas de falecimento, como a publicada no dia 23 de outubro de 1931 sobre a morte de Dursulina de Assis, na qual os filhos e sobrinhos agradecem pelo comparecimento e convidam para missa de sétimo dia, além de resenhas, problemas da imigração dos sertanejos, das consequências da crise americana de 1929 ou da autorização para votar, dada pelo Superior Tribunal de Justiça Eleitoral, aos estudantes maiores de 18 anos<sup>3</sup>, essas duas últimas estão publicadas na edição de 23 de março de 1933, fazendo, assim, do “Diário” um lugar de memória e arquivo da vida social, política, religiosa e cultural da cidade, do povo de Ilhéus e da região do cacau.

#### A Crise americana

Um bilhão de dólares para evitar a “*débâcle*”

Telegramas de Washington anunciaram que, apesar de ter passado a fase considerada mais perigosa da crise norte-americana, calcula-se em um bilhão e meio de dólares a soma necessária para salvar inúmeros bancos da falência.

Acredita-se que se essa soma for conseguida dentro de curto prazo poderá se iniciada uma nova fase para os negócios financeiros do país. (DIÁRIO nº 1.494 de 23/03/1933).

Além das publicações de cunho social, econômico e religioso, como essas dos dias 23 de março e 23 de Outubro do ano de 1933, que tratam de assuntos de interesse da região, o “Diário” também publicava informes literários e resenhas de livros publicados no Brasil e no exterior. Essas publicações tanto interessavam ao jornal, que as publicava em suas colunas literárias, como à Livraria Seixas Martins que divulgava, através do jornal, suas novas aquisições, o que pode ser comprovado na publicação de 05 de abril de 1933. Vale salientar que Álvaro de Seixas Martins é um importante colaborador da coluna “Conto da Semana”.

#### LIVROS NOVOS

As obras editadas pela Civilização Brasileira

A Livraria Seixas Martins acaba de enviar-nos alguns livros da Civilização Brasileira, a respeito dos quais publicamos abaixo as seguintes apreciações:

#### DOIS LIVROS DE MARK TWAIN

Uma casa editora *francesa*, recentemente, publicou um livro de aventuras com o seguinte estratagemma. As últimas páginas do livro vinham embrulhadas numa faixa com uns dizeres mais ou menos assim: “Leitor, se o livro não agradou devolva-o sem romper estas páginas que lhe retribuiremos o valor”.[...] A grande massa que lê tem nesse livro, admirável que pela estrutura em si, quer pelo modo com que o enredo foi disposto e escrito, um excelente companheiro de *recreação*. É em fim

---

<sup>3</sup> Alguns dos textos aqui citados estão na íntegra na seção Anexos.

um livro de espírito *ajil*, e a Civilização Brasileira S/A, publicando-o mostrou estar em dia com o gosto dos leitores. (DIÁRIO nº 1.505 de 05/04/1933).

Publicar resenha de livros como essa do dia 05 de abril de 1931, além informar os consumidores da livraria do que estava sendo publicado no mundo, anunciava aos leitores do jornal as modernidades do século XX, como a possibilidade de devolução da compra caso o leitor/comprador não gostasse da leitura, bastando cumprir o contrato de não romper as últimas páginas da edição.

Os lugares de memória são o que resta, o que se perpetua de outro tempo e que transmitem ritos para uma sociedade que necessita desses lugares de memória por não mais terem meios de memória, seja pela evolução industrial e urbana que descaracterizam comunidades tradicionais baseadas na oralidade ou na transmissão das suas origens, globalização, midiaticização e o distanciamento entre a memória verdadeira, social e intocada, ditas de comunidades arcaicas ou primitivas, com certo modo de apropriação do tempo e a sociedade urbana ocidentalizada que se utiliza da história para organizar seu passado, havendo, por fim, uma ruptura da memória e da história.

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não existe memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter os aniversários, organizar as celebrações, pronunciar as honras fúnebres, estabelecer contratos, porque estas operações não são naturais [...] Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem, eles seriam inúteis. E se em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tronariam lugares de memória. É este vai-e-vem que os constitui: momentos de história arrancados do movimento de história, mas que lhe são devolvidos [...] (NORA 1993, p.13)

Outro tipo de publicação de grande importância nas páginas do “Diário” são os textos literários publicados na página dois e em colunas destinadas, especificamente, a esse tipo de publicação, e uma dessas colunas, como já foi citada, é denominada de “Conto da Semana”. A importância e destaque dessa coluna é vista pelas publicações que substituem os textos literários, pois quando havia necessidade de se publicar uma nota importante ou uma prestação de contas à sociedade ilheense, isso era feito a partir dessa página. Essas notas iam desde a publicação das prestações de contas da Prefeitura Municipal de Ilhéus, com a divulgação de seus balancetes mensais ou anuais à relação de eleitores aptos a votar em determinada eleição.

Há também outras colunas que são dedicadas às publicações literárias; a primeira delas que é publicada, durante todo o ano de 1931, está na página quatro do jornal é denominada de “Cosmorama”, tendo como editor o Sr. Octavio Moura. A segunda coluna que está dentro de outra coluna denominada de “Notas Sociais” e é assinada por Muriel é a “Vesperal”. Essa coluna, que é publicada durante todo o ano de 1935, está também na página

quatro do jornal. Tanto a “Cosmorama” quanto a “Vesperal” trazem publicações de poesias e crônicas em suas colunas. As publicações de poesias, raramente, são vistas na página dois, visto que durante os anos pesquisados essa coluna dá preferência aos contos e crônicas. Outra característica importante dessas duas colunas é a presença de textos que levam a uma reflexão crítica sobre as condições do Brasil, no que se refere à falta de investimentos em educação e leituras através de uma autocrítica e do humor de suas publicações.

A respeito do Cosmorama

Eu devo uma explicação ao público ilheense sobre o não aparecimento do segundo número do meu “Cosmorama” semanário de letras, humorismo e *actualidades*.

*Actualidades?* Isso não tem a mínima importância, neste século em que o *actual* e *inactual*.

Humorismo? No Brasil, “*paiz* de poesia e de poetas aborrecidos”, o humorismo é como uma flor dos trópicos que se *quizesse* transplantar para uma região de gelos eternos.

Letras? Isso é que é humorismo no Brasil. E qualquer coisa literária, nesse *paiz* quase sem letras, é como um “*smocking*” irrepreensível num baile de esfarrapados...

A explicação que eu devia ao público esta *ahi*, nas entrelinhas.

Octavio Moura. (DIÁRIO nº 963 de 08/06/1931).

A importância das publicações literárias, como essas das colunas “Cosmorama” e “Vesperal”, podem ser vistas nesse ano de 1935, pois notícias que tratam do recebimento de prêmios literários por autores, sejam eles de projeção regional ou nacional, são sempre divulgadas no jornal como a que foi publicada no jornal de número 2.026 de 14 de janeiro sobre o prêmio literário recebido por Gilberto Freyre, comparando a importância do escritor e de sua obra com outros dois autores e obras que também foram bem votados para ganhar o prêmio. O primeiro é Lucio Cardoso<sup>4</sup> e a obra é “Maleita”, o segundo é Jorge Amado<sup>5</sup> por sua obra “Suor”:

Prêmio de Literatura

Foi conferido ao livro “Casa Grande & Senzala”

Rio 13 (Diatarde). O escritor pernambucano Gilberto Freyre tem sido muito felicitado por ter recebido como autor do livro “Casa Grande & Senzala” o prêmio de 1934 instituído pela sociedade Philippe de Oliveira.

Também foram muito votados os livros “Maleita” de Lucio de Cardoso, publicado em 1934 e “Suor” de Jorge Amado também escrito em 1934 e é seu terceiro livro. (DIÁRIO nº 2.026 de 14/01/1935).

Outros autores que recebem bastante destaque nesses anos de 1931, 1933 e 1935 são Humberto de Campos e Malba Tahan. Sobre Humberto temos algumas notícias no jornal,

<sup>4</sup> Lúcio Cardoso escreveu “Maleita” nos primeiros anos de sua mocidade. É seu livro de estreia na carreira literária.

<sup>5</sup> Terceiro livro de Jorge Amado, “Suor” foi escrito no Rio de Janeiro em 1934, quando o autor tinha apenas 22 anos. No ano seguinte à publicação, foi traduzido para o russo e lançado em Moscou, junto com “Cacau”, seu livro anterior; o romance viria a ser publicado também em Portugal, além de ter sido traduzido para outros sete idiomas. Retratando o cotidiano de miséria, sujeira e promiscuidade da vida urbana das classes mais pobres da cidade de Salvador, o livro relata o drama de se viver do suor do próprio rosto.

entre elas está a da edição de número 2.044 do dia 04 de fevereiro de 1935 na página dois. A notícia fala sobre as revelações curiosas sobre a obra póstuma de Humberto de Campos<sup>6</sup> e o editor José Olympio destaca o grande escritor brasileiro que Humberto foi e dá destaque a alguns pontos sobre o autor:

- 1- A palavra do editor de Humberto de Campos;
- 2- O escritor e seu editor;
- 3- Suas obras no prelo;
- 4- Um equívoco a desfazer;
- 5- Revelação curiosa;
- 6- Premio Humberto de Campos.

Uma dessas crônicas de Humberto “Notas de uma diarista” é publicada na edição de número 2.219 de 13 de setembro de 1935, na página dois.

As publicações de Malba Tahan, um dos escritores que mais tem publicação nos três anos estudados, estão em várias edições do ano de 1931, 1933 e nas edições de número 2.078 de 18 de março e 2.102 de 15 de abril de 1935. A primeira, um conto do livro “Céu de Allah”, é intitulada de “A noiva de Ramayana”. A segunda é intitulada “Conto de três por dois”, está publicada na página três e relata a história do leão, do tigre e do chacal que resolveram deixar a gruta sombria onde viviam para explorar ou encontrar uma região rica em tenras ovelhinhas.

A influência de se publicar por pseudônimo, ou com outro nome é vista em várias edições do “Diário da Tarde”, como na edição de número 1.430 do dia 03 de janeiro de 1933, na página dois, na coluna “Conto da Semana”.

Foste um sonho na minha vida... (Para alguém que me entende)  
Um sonho muito lindo e dadivoso, que ao se esfumar nos longes da realidade, deixou-me noiva de uma saudade perenal. Um clarão de brilho intenso, maravilhoso, que passam pelos caminhos opacos de meus dias, enchendo-os de encantos, povoando-os de emoções mil!...  
Ah! O que eu não daria para ver o regresso desse sonho, que foi o sonho mais belo que eu já tive nesta ilusória vida de meus vinte anos!...  
Ah! Eu seria a fiel serva, a escrava dedicada!... eu seria a mais bela, entre as belas; afrontaria os maiores perigos, embora tendo como certa, os loiros da morte. –Melhor seria morrer como uma heroína, a ter que renunciar a vida neste hórrido estado, sentindo o fio intenso de precoce senectude *enregalar-me* a alma!  
Como é triste e cruel, tornar-se velha aos vinte anos!  
Como é dilacerante, ter-se um coração moço encerrado no lúgubre ergástulo da realidade, alheia às sonoras vibratilidades, das sensações extasiantes!...

---

<sup>6</sup> Humberto de Campos nasceu na pequena localidade de Piritiba, no Maranhão, em 1886. Dedicou-se inteiramente a arte de escrever e, por isso eram poucos os recursos financeiros. A certa altura da vida, quando minguadas se fizeram as economias, teve a idéia de mudar de estilo. Adotando o pseudônimo de Conselheiro XX, escreveu uma crônica chistosa a respeito da figura eminente da época – Medeiros e Albuquerque -, que se tornou assim motivo de riso, da zombaria e da chacota dos cariocas por vários dias. O sucesso do Conselheiro foi total. Tendo feito, por experiência, aquela crônica, de um momento para outro se viu na continência de manter o estilo e escrever mais, pois seus leitores multiplicaram chovendo cartas às redações dos jornais, solicitando novas matérias do Conselheiro XX.

Parodiando José Ingenieros, uma mocidade *senecta* é uma flor sem perfume. E quando a flor não tem perfume ó mil vezes o seu extermínio, à fera implacabilidade das incompreensões...

Foste um sonho na minha vida: ou és ainda: um sonho muito lindo e inebriante. Mas... antes nunca viesse naquela resplandecência celeste iluminar as treva de minha feliz existência...

É bem assim a felicidade – transitória como a vida das flores... (DIÁRIO nº 1430 de 03/01/1933).

O jornal abre as publicações literárias deste ano de 1933 com uma crônica, escrita pelo pseudônimo de “Flor de Lótus”, com o título de “Foste um sonho em minha vida...”. É bem provável que esta crônica seja de uma escritora que não quis se identificar, já que seu eu - lírico é feminino.

Para Nora (1993) há um desmoronamento da memória, pois vivemos em um mundo de constante massificação e midiaticização. Portanto, segundo ele, os lugares de memória são primordiais numa sociedade que não mais habita sua própria memória. Para o autor existem hoje lugares de memória, pois não existem mais, efetivamente, meios de memória.

Um fato importante percebido nas publicações do “Diário” que o torna um lugar de memória é o resgate das publicações femininas no início do século passado, fato considerado raro em uma sociedade de valorização do masculino, na qual os homens eram os comandantes da vida social, religiosa, política, cultural e literária. No ano de 1931 apenas uma mulher tem publicação nas páginas do jornal. Essa publicação, que já foi citada anteriormente, está na edição de número 858 do dia 26 de janeiro, na página dois na coluna “Conto da Semana”. É uma crônica da escritora Maria Enriqueta, denominada de “O Piedoso Marabú”. Das edições estudadas do ano de 1933 não foi encontrada nenhuma publicação feminina. Já nas edições do ano de 1935 poucas são as mulheres que continuam tendo espaço para publicação de seus textos nas colunas do “Diário” e, apenas duas delas são identificadas. Elas são Emerita Dorea e Mercedes Ganem. Emerita, por ser de uma rica e influente família da região e também pelo parentesco com o editor chefe Francisco Dorea, publica um conto intitulado “Palavra de Mãe” na edição de número 2.027 do dia 15 de janeiro. Este conto é uma homenagem à filha Ilnah que completou quinze anos no dia 13 de Janeiro do referido ano.

Palavra de Mãe

A’ minha querida Ilnah:

A flor ao desabrochar, bela viçosa, sob o impulso da Natureza, não tem mais encanto nem poesia do que a criancinha quando surge para a vida, envolta no seu alabastrino manto da inocência.

[...]

- Sem que sintas desenvolver-se em todos os seus sentimentos, o gérmen da virtude, jamais desfrutarás felicidade na vida, porque só a sentirás, única e perfeita na paz da tua consciência, na nobreza do teu caráter, na integridade da tua moral! Aos 13 de Janeiro de 1935. (DIÁRIO nº 2.027 de 15/01/1935).

Mercedes Ganem tem um pouco mais de espaço neste ano de 1935 e conta com três publicações. Na edição de número 2.073 de 12 de março ela publica a crônica “Lágrimas” que é dedicada a inesquecível amiga Luiza Abdon. Outra crônica escrita por Mercedes está publicada na edição de número 2.107 do dia 25 de abril e é intitulada “Páginas Dolorosas”. Nessa crônica a autora fala do sacrifício de Jesus no Calvário e do perdão a humanidade. Neste ano de 35 a festa da sexta-feira da Paixão foi comemorada no dia 19 de Abril e a crônica “Páginas Dolorosas” foi escrita por Mercedes no dia 18. Todas as crônicas da autora foram escritas no Bairro do Pontal e são datadas. As crônicas de Mercedes e de Emerita são um dos poucos escritos que tem identificação de quando e onde foi feito. A última crônica escrita por Mercedes está na edição de número 2.144 de 08 de junho com o título de “Paradoxo da dor”.

#### LÁGRIMAS

(Em memória de minha inesquecível amiga LUIZA ABDON)

Quem não chorou na vida?... Na ventura ou na desdita, ou no *goso* ou no *praser*...  
São eflúvios do Céu que ressurgem dos olhos humanos, em gotas cristalinas, tépidas  
rolando...

[...]

Curvo-me diante do vosso esplendor, oh lágrimas divinas! Do vosso poder, oh  
redentoras lágrimas que surgis dos olhos humanos, em gotas cristalinas, tépidas,  
rolando!

Pontal, 8 – 5 – 935. (DIÁRIO nº 2.144 de 08/05/1935).

Emerita e Mercedes por serem de famílias ricas e influentes na região tiveram suas crônicas publicadas no “Diário”, fato esse que não acontece com outras escritoras da região, pois nessa primeira metade do século XX numa região rica, em franco desenvolvimento, mas, comandada com mão de ferro pelos Coronéis do Cacau, mulher era para fazer o Curso Normal do Colégio Nossa Senhora da Piedade, em sala só de mulheres para se tornar professora ou cursar as Escolas de Corte e Costura, mesmo sendo esse um período em que a revolução nas artes, na música, na pintura e na literatura provocadas pela Semana de Arte Moderna já surtiam efeitos.

A importância dos cursos de corte e costura pode ser vista a partir da importância que estes têm para a sociedade ilheense do início do século, pois a “Escola *Ilheense* de Corte e Alta Costura”, comandada pela senhora Dora Fuchs Penido, divulga seu curso em quase todas as edições de 1935, quase sempre na mesma página em que os textos literários são publicados. Outra escola que também divulga seu curso é a “Academia Superior de Corte e Costura”, comandada pela professora Lucilia Salavest Porto. Essa escola divulga em uma foto, que ocupa meia página da edição de número 2.086 do dia 27 de Março de 1935, as sete alunas

graduadas na turma de 1934. As publicações do curso da senhora Dora Fuchs seguem sempre o mesmo padrão como o da edição de número 2.087 do dia 28 de Março de 1935.

Escola Ilhéense de Corte e Alta Costura  
Estabelecimento de educação profissional feminino *oficializado* e registrado no Departamento de Instrução Pública do Estado por ato de 1º de Fevereiro de 1933.  
Curso completo de corte e alta costura em seis *mezes*. Exames e expedição de diplomas em Junho e Dezembro de cada *anno*. Mensalidades, qualquer que seja a data da matrícula, vencíveis no último dia de cada *mez* e pago *adeantadamente*.  
Curso externo, 25\$. Curso interno 225\$. Curso especial para aperfeiçoamento das *alumnas* diplomadas que se destinarem a professoras de corte e alta costura, (3 *mezes*) a 30\$000.  
Praça Carneiro da Rocha, n.7  
Dora Fuchs Penido (*Directora*). (DIÁRIO nº 2.087 de 28/03/1935).

Além dessas publicações de informes à sociedade de Ilhéus e região há também a publicação de contos e crônicas de muitos autores nesse ano de 1935, entre eles estão Álvaro de Seixas Martins e Jacintho Gouveia, que são os dois maiores publicadores desse ano, José Francisco de Oliveria, Alvaro Nery, Rosalino da Costa Lima, um com o pseudônimo de Pagé Tupiniquim, Alvaro Menezes e um caso raro de poesia, neste ano de 1935, que é o soneto de Clarenco Baracho publicado na edição de número 2.287 do dia 06 de dezembro.

O URUBU'

*Eil-o...* só, afinal, nos restos de uma ossada,  
Alquebrado o *urubù*, velho, triste e indolente,  
Outrora vencedor do espaço, heril, fremente  
Rasgando céu azul num vôo de alvorada

Em dias de calor olhava indiferente  
O mundo, no apogeu da altura ilimitada  
Senhor do firmamento em rutila jornada  
Descia como um Rei, *magestoso* e imponente.

Ai de mim! Eu que ausculto os corações humanos  
Vi o *urubú* sem mais a intrepidez radiosa  
Das *azas*, a tombar, vencido pelos anos...

E como ele também muita gente há no mundo  
Que depois de viver em *ascenção* gloriosa  
Sem pão, arqueja, só, num frio catre *immundo!*  
(DIÁRIO nº 2.287 de 06/12/1935).

Vale ressaltar que algumas palavras como *azas*, *immundo*, *magestoso*, *eil-o*, *urubù* com crase e acento e *ascenção* estão grafadas dessa forma no soneto, que faz um paralelo entre o urubu que um dia foi forte e soberano, senhor dos céus e o homem que, também um dia, comandou com mão de ferro os domínios da vida e da política na região do cacau, mas agora no final da vida perdeu força e poder. Muitos casos como esse aconteciam na região

cacaueira, pois se durante anos um coronel comandava a região, quando este perdia força ou poder era logo substituído por outro mais forte e mais poderoso.

Outro ponto importante a ser considerado é que poucos são textos de característica poética, entendo que a poesia no início do século XX era a única considerada como texto poético, publicados nas colunas literárias do jornal, pois poucas são as poesias publicadas, tornando-se uma grata exceção o soneto destacado acima. Não se sabe ao certo se os escritores da região pouco praticavam essa modalidade literária ou se a poesia ainda era considerada um texto literário de segunda categoria, não tendo tanta relevância ou importância como tinham a crônica e o conto, portanto relegadas a colunas literárias que estavam nas últimas páginas do jornal como a “Cosmorama” e a “Vesperal”.

Dessa forma é possível considerar que a função pedagógica do jornalismo no início do século passado está legitimada nas publicações do “Diário da Tarde”, a partir da circulação do acervo, dos conhecimentos socialmente construídos e culturalmente legitimados que ajudam a informar os sujeitos. Essa função educativa ou informativa do jornal se traduz, sobretudo, pela necessidade que o periódico tem de “explicar” o mundo sempre baseado na “verdade”, fazendo uso de recursos técnicos e humanos disponíveis, mesmo quando essa “verdade” é informada a partir dos textos literários.

Dentro desta perspectiva da “verdade” o jornal é visto como uma fonte de conhecimento social e cultural que informa, entretém, diverte e ensina, pois as notícias aqui estudadas podem ser vistas como norteadoras sociais, efêmeras e essencialmente centradas nos acontecimentos do presente. Dessa forma, o jornal pode ser visto como fonte de conhecimento social permeado de visões de mundo e ideologia, retirando a visão de que há uma construção jornalística recheada de uma suposta objetividade.

Ora, partindo do conceito de que todo conhecimento social, seja ele científico, filosófico, religioso ou jornalístico envolve um ponto de vista sobre a história, sobre a sociedade e sobre a humanidade e, como a humanidade e a história são processos que estão em construção, naturalmente não existe conhecimento que seja puramente objetivo, ou seja, que seja absolutamente neutro.

Portanto, as discussões aqui apresentadas sobre as publicações literárias como forma de informação ou conhecimento da sociedade trazem em seu cerne a relevância deste campo na produção simbólica, indicando que as notícias além de não-neutras, envolvem determinadas visões de mundo e, como tal, contribuem social e culturalmente como uma orientação acerca dos parâmetros e dos valores circulantes. As publicações literárias nas

páginas do jornal são nesse sentido, um dos modos de constituir uma natureza consensual da sociedade e contribuem naquilo que une, informa e auxilia a sociedade do início do século passado.

## Referências

*Diário da Tarde*. Edição nº 842 de 05/01/1931.

\_\_\_\_\_. Edição nº 978 de 26/06/1931.

\_\_\_\_\_. Edição nº 979 de 27/06/1931.

\_\_\_\_\_. Edição nº 1.494 de 23/03/1933.

\_\_\_\_\_. Edição nº 1.075 de 23/10/1931.

\_\_\_\_\_. Edição nº 1.505 de 05/04/1933.

\_\_\_\_\_. Edição nº 2.172 de 17/07/1935.

\_\_\_\_\_. Edição nº 2.026 de 14/01/1935.

\_\_\_\_\_. Edição nº 1.430 de 03/01/1933.

\_\_\_\_\_. Edição nº 2.027 de 15/01/1935.

\_\_\_\_\_. Edição nº 2.144 de 08/05/1935.

\_\_\_\_\_. Edição nº 2.087 de 28/03/1935.

\_\_\_\_\_. Edição nº 2.287 de 06/12/1935.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006. Tradução Beatriz Sidou

NORA, Pierre. *Entre Memória e História: a problemática dos lugares*, In: Projeto História. São Paulo: PUC, nº 10, PP. 07-28, dezembro de 1993.

[Recebido em agosto de 2011 e aceito para publicação em outubro de 2011]

### “Diário da Tarde” newspaper from Ilhéus- site of memory

**Abstract:** This paper aims at analyzing the newspaper “*Diário da Tarde*”, from Ilhéus as a site of memory, in this town of Cacao’s region in South Bahia. So, it was carried a survey which has aimed to locate, identify and characterize pages and literary supplement on that

newspaper, which was founded on February 10<sup>th</sup>, 1928 and kept open until 1998. Through a qualitative approach, it was possible to realize that the spaces to publications of literary texts were placed on columns entitled “Conto da semana” (Short story of the week), “Vesperal” and “Cosmorama”. According to Pierre Norra (1993) the sites of memory are born and live in sake of the feeling that there is not spontaneous memory, and it is necessary to create files, keep and carry the anniversaries or birthdays celebrations, pronounce the funeral, make contact, because that operations are common. The importance of the literary publication on the newspaper can be analyzed from short story, reviews, disclosing notes of awards received by authors like Gilberto Freire, and his book “Casa Grande e Senzala”. Those publications were carried between the years 1931, 1933 and 1935.

**Keywords:** Newspaper. Place of memory. Supplement. Columns

## Anexos

“Um home comedido”

Fernando entrou pelo *escritorio* de seu amigo Mario e disse:

- Ouve lá isso Mario

- Literatura?

- Não pergunte. Ouve.

E leu:

“- Senhor Clemente?”

- A seu dispor.

- Passei, agora, por sua casa e deparei com um quadro triste.

- Em seguida...

- Sabendo onde o Senhor trabalha, tomei a liberdade de vir contar-lhe o ocorrido, caso lhe moleste.

- Absolutamente.

Clemente é um homem bem instalado na vida. *Sceptico*. Inteligente. Dominador integral de seus nervos; portanto, de suas atitudes.

Criado no meio da mais rude miséria, Clemente, em pouco, aprendeu a sofrer com *stoicismo* *Christão*. Carregando a carga pesada da desgraça. Venceu. Vencendo em ouro, o homem não soube mais *commover-se*. Alegria e tristeza se confundiam. Recebia-as com o mesmo estado de espírito. Sempre com *indifferentismo*.

Sentado em uma cadeira de molas de seu *escritorio*, meio *derreçado* para traz, Clemente se *dipoz* a ouvir a mulher que trazia a nova.

Maurina, a mulher, filha do povo, susceptível a qualquer emoção, pelo aspecto aprecia trazer na ponta da língua a *descrição* de uma grande desgraça.

- Passei por sua casa e ouvi ruído confuso. Vozes, passos, alguma coisa fora do comum. Sim, porque passo, ali diariamente, varias vezes, e sempre sua casa está num *socego* celeste. Encontro-me todos os dias com o Senhor ao sair de sua residência. Não se lembra ter-me encontrado?

- Não observei ainda...

Maurina já se sentia mal, ante a atitude *indiferente* de Clemente. Esse mal-estar mais se acentuava *naquelle* ambiente frio, severo, do *escritorio*. Revestido apenas por duas estantes mudas, a grande secretaria *autéra* em sua cor preta, um ventilador *immoval* sobre *ella*, *aquelle* interior causava *dessassocego* às pessoas acostumadas a ambientes claros, alegres.

Clemente, *quasi* com *indiferença* fumava um charuto grosso e fitava Maurina, que, de pé, não podia cobrir seu embaraço.

- É natural. Mas...

- Perdoe-me não ter convidado a sentar-se. Faça favor.

Puxou pesada cadeira do terno “Mapple” escuro e *fel-a* sentar-se.

- Continue.

- *Aquellas* vozes me impressionaram. Parada ao portão, *puz-me* a escutar. Depois, ouvi um grito abafado e um baquear surdo no chão.

- Como se fosse de um corpo que caísse...

- Precisamente. Depois, um tropel, violento e o silencio que se seguiu como a pôr fim a *scena*.

- E depois?

- Peço desculpas pela ousadia, mas resolvi entrar.

- E que viu?

- Vou causar-lhe mal, mas conto-lhe. Na sala de visitas, ES tirado ao chão, rasgada as vestes, *quasi* nua, estava sua senhora banhada em sangue.

- Que havia acontecido?

Clemente, ao fazer esta pergunta, embora com voz firme e pausada, sentiu os olhos se anuviarem. Seu rosto desmaiou numa palidez *quasi* violenta.

Por seu interior não Haia nada de anormal. Apenas, uma compaixão pela sorte de sua esposa, a quem não sabia ao certo se amava. Gostava *della* com essa amizade que se não explica. Amizade *indifferetne*. Amizade que *elle* não *poude* transformar em amor. Não *poude* levar ao coração porque, desde pequeno habituou-se a não sentir. *Soffreu* tanto que esqueceu a felicidade. *Dahi*, não sentir nem felicidade nem desgraça. Confundiu essas coisas por força do hábito. E o hábito é uma segunda natureza.

- Vendo-a, só dois ladrões entraram na casa e a seguraram. Quis gritar, mas não *poude*. Uma tira de *panno* a amordaçava com violência. Tentaram *fazel-a* repasto de seus *instinctos* bestiais. Não o conseguiram. Bateram-lhe. Machucaram-na. E *ella* persistiu contra a vontade de seus algozes. Rasgaram-lhes as vestes. E morderam-na por todo o corpo. Depois deram-lhe estúpida pancada na cabeça com o *telephone*. E *ella* ficou desacordada.

- E a senhora que fez?

- Ainda sob a *estupefacção* natural, mediquei-a nos ferimentos, vesti-a, e *pul-a* no leito, vendo-a em repouso, vim contar-lhe o sucedido.

- Muito obrigado.

- Que providencias ira tomar o senhor?

- Que providencias...? Vamos *reflectir*. Gosto de fazer tudo depois de bem pensado. Levar o *facto* ao conhecimento da policia, não resolve. Policia é uma instituição quase fictícia. Mas, acha que o estado de saúde de minha senhora é grave?

- Creio que não.

- Coitada... Sabe o *typo* dos homens que assaltaram minha casa.

- *Ella* o sabe.

- Bem... É mais fácil de eu os pegar. Narrar o assalto pelos *jornaes*... Não. É uma publicidade. Escândalo. Piedade dos desconhecidos. E eu já estou *cançado* de ser lamentado pelo vulgo. Não me agrada. Quando erro, justico-me pro minhas mãos. Quando erram contra mim, faço o mesmo. Vou aguardar a *oportunidade*. É melhor. Mais pratico. Mais *efficiente*.

- Mas, o senhor não *vae* já a casa? Imediatamente?

- Não sou medico. Minha presença não resulta nada de melhor para minha mulher, além do conforto moral! Devemos ter calma e não levarmos a vida como é *ella*. Brutal, infernal, má, assassina. Vamos chamar um medico. Que acha? Não é o melhor? É. Um médico.

- E depois? Perguntou Mario.

- Já acabou.

- Mas, que é isso?

- Um conto moderno. (DIÁRIO nº 842 de 05/01/1931).

Aos maiores de 18 anos

O Tribunal Eleitoral concedeu o direito de voto

No Superior Tribunal da Justiça Eleitoral o sr. Carvalho Mourão relatou a consulta do governo sobre a concessão do direito de voto aos estudantes maiores de 18 anos. Opinou o relator que o Tribunal desse parecer no sentido de conceder esse direito, não como medida de exceção, mas ampliada a todos os cidadãos maiores de 18 anos no *goso* de seus direitos políticos.

O Superior Tribunal Eleitoral resolveu atender aos pedidos dos universitários brasileiros concedendo o direito de voto aos cidadãos maiores de 18 anos. (DIÁRIO nº 1.494 de 23/03/33).

Dursulina de Assis

Agradecimento e convite

Joventino Alves, Hermes Costa e João Baptistas ainda compungidos pela perda de sua idolatrada mãe e tia DURSULINA DE ASSIS, agradecem a todos que acompanharam o enterro de sua inditosa parenta e aos que enviaram *capellas*, *bandeijas* de flores, cartas e cartões. Aproveitando a ocasião convidam as pessoas amigas para a missa de 7º dia que mandarão celebrar às 6 horas da próxima segunda-feira 26 do corrente, na capela do Convento de N. S. da Piedade, confessando-se eternamente gratos.

*Ilhéos*, 23 de Outubro de 1931. (DIÁRIO nº 1.075 de 23/10/31).

LIVROS NOVOS

As obras editadas pela Civilização Brasileira

A Livraria Seixas Martins acaba de enviar-nos alguns livros da Civilização Brasileira, a respeito dos quais publicamos abaixo as seguintes apreciações:

#### RETRATO DO BRASIL

A Introdução à Realidade Brasileira do sr. Affonso Arinos de Mello Franco é sem dúvida o livro do momento. Trata-se de uma obra de valor extraordinário, pelo estudo lúcido dos mais angustiosos problemas dessa hora atormentada do mundo e, principalmente pela posição de “*clerico*” em que se coloca o seu autor.

Nesta sua obra o sr. Affonso Arinos depois de analisar com penetração os diversos processos de opressão que a humanidade está sofrendo – Tirania da direita e da esquerda – Traça o seu novo retrato do Brasil procurando as causas da nossa desordem, os pontos da nossa instabilidade e termina por apelar para os intelectuais afim de que iniciem a sua ação diretora e coordenadora neste instante de tumulto.

Livro escrito em estilo único nas nossas letras, abordando assuntos e personagens que o autor conhece de perto, é uma obra de interesse enorme, como até este momento não tivemos igual.

#### DOIS LIVROS DE MARK TWAIN

Uma casa editora *franceza*, recentemente, publicou um livro de aventuras com o seguinte estratagemas. As últimas páginas do livro vinham embrulhadas numa faixa com uns dizeres mais ou menos assim: “Leitor, se o livro não agradou devolva-o sem romper estas páginas que lhe retribuiremos o valor”.

O mesmo poderia ter feito a “Civilização Brasileira” com os livros de Mark Twain, “As aventuras e outras aventuras de Tom Sawyer” que, ela vem de publicar. Se assim o fizesse não correria o risco de uma só devolução que fosse.

O credor do “Diário de Adão e Eva” é uma espécie de show americano, um Moisés divertido, capaz de fazer jorrar, com o seu bordão de mágico da alegria, o riso franco da rocha de Horeb da sisudez Yankee... Incapaz de descair no banal, fazendo da própria tristeza, material para manipulação de sua alegria, Mark Twain sabe conquistar os leitores.

Este seu livro tem, além de tudo, um ótimo cunho de realidade e humanidade. Novela de súbito quilate, onde o seu espírito iluminado campeia da primeira a última página. A trama é delicada, de fatura simples. A tradução em bom vernáculo está bem à altura do livro, que vem revigorar o conceito em que é tido o grande escritor norte americano. A singeleza dos episódios, o alto grau de emoção dos *entrehos* são as garantias do sucesso desse livro, feito para todas as mãos e todos os olhos.

#### DESHONRADA

Uma das faces mais interessantes da Guerra de 1914 foi, não há que negar, a espionagem e os serviços secretos. A atuação dessas *organizações*, a alta soma de serviços prestados por eles no decorrer da epopéia sangrenta, é bem patente. As cenas eram tão fortes que, ainda hoje, mau grado a patina do tempo, se esboçam nítidas nas nossas memórias. E não há quem não refira, de oitava, uma passagem, um fato, sobre o desempenho dos mais célebres nessa tarefa tão ingrata. A “*Deshonrada*” é um romance tecido em trono desse assunto. O seu autor, de renome merecido é Frank Vreeland. Vreeland serviu-se de uma das figuras mais expressiva nesse termo: a figura legendária de Magda Altdorf, para modelo. Na realidade de ação, de sua vida à soldo dos serviços secretos tirou o que de sugestivo e formidável nas páginas desse livro realmente bom. A emoção, dado os imprevistos do livro, aos lances bem urdidos, campeia de folha a folha, tomando conta dos sentidos do leitor. A tradução magnífica veio dar mais realce à obra, pondo bem claro o seu valor, não escondendo uma *siquer*, das suas ótimas e incontestáveis qualidades.

A grande massa que lê tem nesse livro, admirável que pela estrutura em si, quer pelo modo com que o enredo foi disposto e escrito, um excelente companheiro de *recreação*. É em fim um livro de espírito *ajil*, e a Civilização Brasileira S/A, publicando-o mostrou estar em dia com o gosto dos leitores. (DIÁRIO nº 1.505 de 05/04/1933).

“A respeito do Cosmorama”

Eu devo uma explicação ao público ilheense sobre o não aparecimento do segundo número do meu “Cosmorama” semanário de letras, humorismo e *actualidades*.

*Actualidades*? Isso não tem a mínima importância, neste século em que o *actual* e *inactual*.

Humorismo? No Brasil, “*paiz* de poesia e de poetas aborrecidos”, o humorismo é como uma flor dos trópicos que se *quizesse* transplantar para uma região de gelos eternos.

Letras? Isso é que é humorismo no Brasil. E qualquer coisa literária, nesse *paiz* quase sem letras, é como um “*smocking*” irrepreensível num baile de esfarrapados...

A explicação que eu devia ao público está *ahi*, nas entrelinhas.

Octavio Moura. (DIÁRIO nº 963 de 08/06/1931).

Hoje entrei na redação disposto, a não escrever nem uma linha:

- Meus senhores, bradei, o “Diário da Tarde” vai, primeira vez circular sem a “Vesperal”...

Foi um alarme. O corpo tipográfico resmungou de tal maneira que parecia um oceano em revolta... não sei se de gosto ou desgosto!

Octavio Moura, pigarreou forte, mexeu-se na cadeira e ficou mudo... Talvez de medo.

Entrava na ocasião o Teixeira, que notando a anormalidade perguntou o que houve.

Roque Neves respondeu, fanhoso, de lá cimma:

- “Seu” Muriel “empacou” na “Vesperal” de hoje...

Edmundo Araujo, Eduardo Barros, Miguel Teixeira, Mario Salles, Rubens Silva e os dois aprendizes cantaram em cântico:

Que triste papel

O do tal Muriel;

Coitado, está mal.

Adeus, “Vesperal?”...

Aristotelino Souza, o “homem da máquina”, tirando da boca o eterno charuto, segredou-me:

-Escreva a crônica das “Sociais” porque do contrario a cabocla do vestido azul se zanga...

- Como é? Que trapalhada é essa? Espere aí...

Mandei que o Constante, preparasse a “Remington”...

- Pronto, “seu” Muriel.

Fui às pressas à “toca” do José Ignacio, tomei um “quente” e voltei “deslocando” 90 milhas à hora... Nem o “S. Matheus” me alcançava.

- Vocês vão ver com quantos paus se faz uma jangada.

A voz *stentorica* do Rubens fez-se ouvir do alto, na grade:

- Quarta página, fechada...

Por isso hoje não tem “Vesperal”.

(DIÁRIO nº 2.172 de 17/07/1935).

Palavra de Mãe

A’ minha querida Ilnah:

A flor ao desabrochar, bela viçosa, sob o impulso da Natureza, não tem mais encanto nem poesia do que a criancinha quando surge para a vida, envolta no seu alabastrino manto da inocência.

Quão grato seria ao coração de uma mãe poder perpetuar sobre o filho querido, o influxo dessa primeira fase, qual fada misteriosa à preservá-lo do futuro, das asperezas da vida!

Quando, há quinze anos passados, eu recebia o teu primeiro sorriso, exultava na minha felicidade de mãe, sem que o meu espírito *extremecesse* sequer a menor idéia de uma desilusão? Mas, o destino é sempre traiçoeiro e, felizes são aqueles que só se apercebem das suas crueldades quando já tombam para o ocaso da vida.

És jovem e inexperiente – és quase criança ainda – do mundo, só vislumbraí a sua superfície, sempre aformoseada pelo azul de um céu fascinante, e, neste lago cristalino da tua inexperiência, jamais deveis auscultar as suas entranhas, descobrindo, no redemoinho das suas conjecturas o que, para ti precisa ficar sempre oculto: Os *miasmos* repugnantes de um mundo apodrecido pela degradação social.

Hoje, mais do que nunca, eu preciso transformar todo o meu amor de aspirações, o teu presente de aniversário – um escrínio de virtudes que te servisse de roteiro e do qual *podesse* extrair o essencial para a tua felicidade – futura – é este o *objectivo* da verdadeira mãe.

Se hoje, contasses apenas cinco anos, um beijo te bastaria e bastaria também a mim para minha satisfação íntima.

Se contasses ainda dez anos, um mimo qualquer te faria saltar de contente e eu julgaria cumprido o meu dever.

Mas transpões uma quadra mais bela, mais encantadora e também mais perigosa!

Vês o desligar sutil e suave das tuas quinze primaveras, e o que se passa no teu íntimo, nem tu mesmo o sabes!

Desejaria menos amargas as minhas experiências para apresentar aos olhos de tua alma, um prisma resplandecente, cuja fascinação somente promete venturas. Infelizmente, porém, sinto a necessidade, absoluta de desperta-te para um *horizonte* mais longo e mais além deste prisma encantador, preparando- te, muito *subalmante*, *sinão* para o inevitável, pelo menos, para as possíveis consequências que nos surpreendem na vida e, quanto maiores a inexperiência e a confiança, mais funestas elas são.

A virtude, quanto mais aprimorada, mais sujeita está ao *escárneo* da sociedade porque esta é fruto exclusivo do mundo, sempre paupérrimo de virtudes, sempre intransigente com as leis sensatas da natureza humana. Mas, como entre os frutos sazonados de uma só árvore encontram-se também frutos perfeitos, é preciso que saibas distinguir no meio em que viveres, a sua parte nociva que procura atrair-nos com um sorriso para depois, ferir-nos com as suas garras mais aduncas. Onde porém a virtude predomina, o vício não frutifica. Qualquer que seja a fase que se nos apresente, *Ela*, somente *É* e, servirá de estímulo contra as tormentas da vida. Escarnecidas ou ultrajadas pela parte objeta da sociedade jamais a desprezarão do seu valor, jamais atingirão as intenções malévolas dos que não a possuem.

Quando ultrapassares as fases roscas da existência, quando curvada sob os anos, volveres ao teu passado, encontrarás nas minhas palavras de hoje, o sabor desta grande verdade:

- Sem que sintas desenvolver-se em todos os seus sentimentos, o gérmen da virtude, jamais desfrutarás felicidade na vida, porque só a sentirás, única e perfeita na paz da tua consciência, na nobreza do teu caráter, na integridade da tua moral! Aos 13 de Janeiro de 1935. (DIÁRIO nº 2.027 de 15/01/1935).

## LÁGRIMAS

(Em memória de minha inesquecível amiga LUIZA ABDON)

Quem não chorou na vida?... Na ventura ou na desdita, ou no *goso* ou no *praser*... São eflúvios do Céu que ressurgem dos olhos humanos, em gotas cristalinas, tépidas rolando...

Lágrimas que tombais dos olhos tristes, ou cantais por entre beijos... eu vos saúdo! Minha alma exulta em presença desse arrebol, com que acordais nos meus olhos os mais belos dias da minha vida! *Humedecendo-me* as pálpebras, *suavisas* o meu coração, que abrandais *escravisais*. Ante a miséria humana, vós, lágrimas benditas, não consentis que ele permaneça inflexível, rígido, indiferente. E lhes ensinai a amar... amor desprendimento, amor puro que oferece consolo aos infelizes e semeia rosas na carreira dos meus dias. Sois a síntese da nossa história, quando floris no berço, e se agita anos a fio, para regar a terra sepulcral, de onde há de brotar a virtude eterna.

Sois o arrependimento e o perdão, e o consolo e a alegria.

Transfigurais os monstros e elevais os mártires aos tronos que os déspotas aviltaram.

Sois a seiva purificadora dos corações que sangram e das almas envenenadas pelos erros. Dais vida às emoções e luz aos espíritos. Sem vós, que seriam as almas?! *Faroés* apagados, esfinges que o tempo consumiria cercados de mudas interrogações. *Lenificais* as dores e desvendais os íntimos mistérios, ensinando-nos o caminho do bem.

Abris as portas do Céu, em meio de sensações desconhecidas de que irradiam vozes nunca ouvidas... nunca!

Curvo-me diante do vosso esplendor, oh lágrimas divinas! Do vosso poder, oh redentoras lágrimas que surgis dos olhos humanos, em gotas cristalinas, tépidas, rolando!

Pontal, 8 - 5 - 935. (DIÁRIO nº 2.144 de 08/05/1935).

